

A Pedagogia Freudiana

A Pedagogia Freudiana

Sergio Sklar



A Pedagogia Freudiana

Copyright © 2011, Sergio Sklar
Todos os direitos são reservados no Brasil



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete — Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br

Diagramação e Capa:

Control C — Impressos sob Demanda

Impressão e Acabamento:

Control C — Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

Ficha Catalográfica

Sklar, Sergio

A Pedagogia Freudiana / Sergio Sklar. - Rio de Janeiro: PoD, 2011. 66p.

ISBN 978-85-62331-79-4

1. Pedagogia, Educação. I. Título.

11-359.

CDD: 689.93

CDU: 991.156

22.10.11

29.10.11

000110

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Ritto.....	UERJ - IME
Carlos Cosenza.....	UFRJ - COPPE
Estrella Bohadana.....	UERJ - EDU
Fábio Sá Earp.....	UFRJ - IE
Gilda Olinto	UFRJ
Maria Maia Porto	UFRJ - FAU
Marinilza Bruno	UERJ - IME
Renato Veras	UERJ - UNATI
Roberto Bartholo.....	UFRJ - COPPE
Sérgio Sklar	UERJ - EDU

SOBRE O AUTOR

Doutor em Filosofia (USP), Professor-Adjunto do Departamento de Estudos da Subjetividade Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação-DESF-UERJ), Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris). Autor de diversos livros e artigos sobre filosofia, filosofia-psicanálise e filosofia-educação.

E-mail: ssklar@uol.com.br

Sumário

Conselho Editorial.....	5
Sobre o autor	7
Introdução	11
A correspondência com Pfister (1909-1938) e a formulação de um referencial pedagógico- psicanalítico entre 1909 e 1913.....	15
A pedagogia para Freud: 1914-1925	31
A pedagogia para Freud: 1926-1933	47
Considerações Finais	63
Referências	65

INTRODUÇÃO

Idéias, divagações e até discordâncias marcam uma inclinação inesperada de Freud, quando torna mais consistente o diálogo que a psicanálise sustenta com outros saberes, assimilando as contribuições trazidas pela investigação do pedagogo e teólogo suíço Oskar Pfister (1873-1956) à área educacional e ao mundo religioso. O alto apreço dado a esta proximidade torna-se bem nítido, se nos propusermos a percorrer o amplo intercâmbio que leva os dois investigadores a reconhecerem identidades por detrás de aparentes distâncias teóricas: inúmeras referências à educação na obra freudiana, 134 cartas, postais e telegramas entre 1909 e 1938, com destaque ao prefácio de Freud a um livro que o amigo escreve em 1913 sobre o método psicanalítico (FREUD, 1991a, p.448-450). Como fruto direto deste intercâmbio, Pfister saúda o aparecimento em 1920 de uma nova “psicanálise pedagógica” (*Pädanalyse*) (FREUD, PFISTER, 1980, p.80), reconhecendo que por meio deste passo a psicanálise admita, com o rigor que se exige de uma nova perspectiva no mundo da ciência, a preocupação com a formação humana.

Mas se caminhos cruzados e não paralelos colocam lado a lado o que se investiga na psicanálise e na educação, como traduzir o sentido da contribuição psicanalítica para a atividade do educador? Há alguma maneira de enumerar características básicas que possam nos explicar melhor este sentido? À primeira vista inalcançável, uma resposta deste porte é viável, quando nos dispomos a recolher algumas pistas bem claras deixadas por Freud, ao longo de suas considerações sobre o trabalho investigador de Pfister. Em primeiro lugar, a assimilação formulada pelo amigo à área educacional tanto das fases psicanalíticas do desenvolvimento infantil e da dominância também analítica de impulsos perversos (associais) para a formação do caráter, quanto de uma “profilaxia individual das neuroses” (FREUD, 1996b, p. 419-420). Em segundo lugar, a aproximação efetuada por Pfister entre as idéias analíticas e as atividades dos educadores e párocos, cuja influência é decisiva para que os psicanalistas vienenses acolham com bons olhos, em 1914, uma “espécie de pedagogia médica”. Em terceiro lugar, a aceitação por Pfister da alta significação teórica encontrada no “complexo de Édipo”, levando pastores e pedagogos a um devido reconhecimento

do que se investigava na psicanálise. Em quarto lugar, finalmente, a ponte estabelecida por Pfister entre as descobertas psicanalíticas sobre a sexualidade e o desenvolvimento psíquico-infantil com a atividade educacional.

Associadas a duas outras idéias, estas pistas completam o sentido de uma psicanálise pedagógica. De um lado, uma forte intolerância manifestada por Freud sobre as pressões colocadas pela civilização, produzindo conflitos comportamentais ou neuroses culturais que impedem o controle e filtragem, pela instância do ego, de processos psíquicos dimensionados entre as necessidades biológicas (exigências de impulsos ou pulsões) e a adaptação à vida prática (imposições sociais). Conforme ele assinala, pedagogos analistas retificariam uma lacuna deste porte. De outro lado, um envolvimento necessário entre psicanalistas e pedagogos para a supressão na infância de transtornos nervosos e modificações no caráter, à luz do que nos diz Freud sobre a amplitude de um trabalho analítico-pedagógico em *A Questão da Análise Leiga* (FREUD, 1991g, p.284-285).

Torna-se bem claro o acesso de educadores a pontos privilegiados pela psicanálise. Por essa entrada teórica, redirecionamos nosso confronto teórico com a sexualidade e a infância, ampliando o enfoque psicanalítico do desenvolvimento infantil a outros domínios que se voltam para a subjetividade humana, entre os quais, a educação. Define-se, assim, um dos muitos interesses científicos dentro de uma grande teoria: e é à sua projeção na obra freudiana que pretendemos mostrar com as traduções e comentários de trechos que apresentamos a seguir, tocando diretamente a atividade educacional.

A seqüência das traduções aqui apresentada tem como fonte o volume XVIII da edição alemã das *Obras Completas de Sigmund Freud (Gesammelte Werke)*, intitulado *Índice Completo (Gesamtregister)*, de Lilla Veszy-Wagner (FREUD, 1968), onde se encontram os conceitos e referências biográficas/bibliográficas que compõem o rico acervo conceitual freudiano¹. Criteriosa em sua formulação, a autora nos oferece um poderoso e inestimável instrumento de busca pela grande obra, ordenando cada conceito/referência por palavras-chave. Respaldados por um suporte de pesquisa desta grandeza, chegamos à noção de “pedagogia” em Freud (1968, p. 426), encontrando as seguintes menções, as quais seqüenciamos cronologicamente, em acréscimo ao quadro esquemático apresentado pela autora²:

¹ Mantivemos a grafia dos textos originais de Freud.

² Conforme formula Lilla Veszy-Wagner no que diz respeito ao encontro da psicanálise com a educação, as menções freudianas abrangem inúmeras referências à “pedagogia” (*Pädagogik*), “educação” (*Erziehung*), “reeducação” (*Nacherziehung*), “educabilidade” (*Erziehbarkeit*), bem como ao “educador” (*Erzieher*) e ao “professor” (*Lehrer*). Concentramo-nos aqui apenas nas referências à “pedagogia” (*Pädagogik*).

1909

(1) “psychoanalytische Pädagogik”: Band VII, Seite 376-377.

1912

(2) “durch d. Psychoanalytiker” / “psychoanalytische Pädagogik”: Band VIII, Seite 385.

1913

(3) “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band VIII, Seite 419-420.

(4) “Die psychoanalytische Methode, eine Erfahrungswissenschaftlich-systematische Darstellung von Dr. Oskar Pfister, Pfarrer und Seminarlehrer in Zürich”: Band X, Seite 448-450 / “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band X, Seite 449-450 / “[psychoanalytische] Pädagogik als Prophylaxe der Perversion”: Band X, Seite 449.

1914

(5) “Pädagogik u. Psychoanalyse”: Band X, Seite 78-79 / “ärztliche Pädagogik”: Band X, Seite 79.

1916

(6) “Psychoanalyse als Pädagogik”: Band X, Seite 365-366.

(7) “[psychoanalytische] Pädagogik und Neurosenverhütung”: Band XI, Seite 379.

1923

(8) “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band XIII, Seite 228-229.

1925

(9) “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band XIV, Seite 95-96.

(10) “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band XIV, Seite 565-567.

1909

(1) “Pedagogia psicanalítica”: Volume VII, páginas 376-377.

1912

(2) “Pedagogia através do psicanalista” / “pedagogia psicanalítica”: Volume VIII, página 385.

1913

(3) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume VIII, páginas 419-420.

(4) “O Método Psicanalítico, uma apresentação empírico-sistemática, de Dr. Oskar Pfister, pastor e professor de Teologia em Zurique”: Volume X, páginas 448-450 / “Pedagogia e Psicanálise”: Volume X, páginas 449-450 / “Pedagogia psicanalítica, como profilaxia da perversão”: Volume X, página 449.

1914

(5) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume X, páginas 78-79 / “Pedagogia médica”: Volume X, página 79.

1916

(6) “Psicanálise como Pedagogia”: Volume X, página 365-366.

(7) “Pedagogia psicanalítica e prevenção das neuroses”: Volume XI, página 379.

1923

(8) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume XIII, páginas 228-229.

1925

(9) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume XIV, páginas 95-96.

(10) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume XIV, páginas 565-567.

1926

(11) “Pädagogik und Kinderanalyse”: Band XIV, Seite 244-245.

(12) “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band XIV, Seite 284-285 / “pädagogische Analytiker”: Band XIV, Seite 285.

(13) “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band XIV, Seite 305.

1933

(14) “Pädagogik und unbewußtes Schuldgefühl”: Band XV, Seite 117-118.

(15) “Pädagogik und Psychoanalyse”: Band XV, Seite 157-162 / “soll nicht parteiisch werden”: Band XV, Seite 162.

1926

(11) “Pedagogia e análise infantil”: Volume XIV, páginas 244-245.

(12) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume XIV, Seite 284-285 / “Analista pedagógico”: Volume XIV, página 285.

(13) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume XIV, página 305.

1933

(14) “Pedagogia e sentimento inconsciente de culpabilidade”: Volume XV, páginas 117-118.

(15) “Pedagogia e Psicanálise”: Volume XV, páginas 157-162 / “não precisam se tornar facciosas”: Volume XV, página 162.

Estas referências viabilizaram o estabelecimento de três etapas no discurso freudiano que mostram como a psicanálise se alinhou com a pedagogia: inicialmente, de 1909 a 1913, em seguida, de 1914 a 1925 e, por último, de 1926 a 1933. Acrescentamos pequenos comentários sobre cada um destes períodos a fim de esclarecer, mesmo em linhas gerais, o sentido desta divisão. Este esclarecimento não nos exime, no entanto, de fazer uma ressalva. Apesar das traduções aqui apresentadas não conterem a longa correspondência de Freud com Pfister, já que a mesma forma um livro *per se*, o esquecimento da dimensão que toma para a psicanálise seria imperdoável. Algumas linhas a este respeito, assim, ainda que insuficientes, abrem nosso primeiro comentário. Por último, a imensa e essencial contribuição a este trabalho no acesso e discussão dos impasses impostos por uma tradução literal dos originais freudianos não deve ser esquecida; agradeço, assim, às valiosas correções e sugestões formuladas pela Profa. Jutta Barbara Maria Müller. Meus mais sinceros agradecimentos são estendidos ainda à criteriosa revisão das traduções realizada pela Profa. Estrella Bohadana. Seus talentos como escritora, filósofa, educadora bem como seu vasto conhecimento de psicanálise foram decisivos para a discussão, em certos momentos, das traduções que mais se adequavam ao que era formulado por Freud em alemão.

A CORRESPONDÊNCIA COM PFISTER (1909-1938) E A FORMULAÇÃO DE UM REFERENCIAL PEDAGÓGICO-PSICANALÍTICO ENTRE 1909 E 1913

Ernst Freud assinala como as cartas trocadas entre seu pai e Pfister acompanham o crescimento e desenvolvimento da psicanálise entre 1909 e 1938. O conjunto que elas formam abrange 134 manuscritos – entre cartas, postais e telegramas –, 100 dos quais foram editados sem cortes, não incluindo, no entanto, boa parte dos originais de Pfister, os quais, por desejo próprio, foram destruídos por seu interlocutor.

Com carinho e vívido entusiasmo Pfister era recebido pela família Freud, como assinala a filha de Freud, Anna, no prefácio que escreveu para a edição da correspondência trocada pelos dois investigadores (FREUD, PFISTER, 1980, p.10):

No ambiente doméstico dos Freud, alheio a toda vida religiosa, Pfister, com seus traços, aparência e atitude de um pastor, era visto como a figura de um ser pertencente a um mundo estranho. Na sua natureza, inexistia a atitude científica quase intensa e impaciente, com a qual outros pioneiros da análise encaravam o tempo passado à mesa com a nossa família – como uma interrupção inoportuna de seus debates teóricos e clínicos. Pelo contrário, seu calor humano e entusiasmo, sua capacidade para também participar vivamente dos fatos mínimos do cotidiano, animavam as crianças da casa, tornando-o um hóspede bem-vindo em qualquer tempo, uma figura humana ímpar em seu modo de ser. Para elas, segundo um gracejo de Freud, Pfister não era um 'santo homem', mas certo 'flautista de Hamelin', que só precisava tocar seu instrumento para ter uma multidão de partidários atrás de si.

Para o pastor Pfister foi este transbordamento em si de sentimentos da psicanálise para com o seu criador, e a transmissão dos mesmos para os descendentes de Freud, que o levou, após a morte deste último, a legar a correspondência para mim, como “a filha do meu grande benfeitor”, com a permissão de “se servir do material apropriado”, sob a única ressalva de que nada “publicado pudesse ferir pessoas vivas”³.

A primeira carta de Freud ao amigo em 18 de janeiro de 1909 é significativa, a este respeito. Ali ele realça que suas investigações, ao delinearem um tronco comum, “(...) foram absorvidas pelos pastores, que têm livre acesso às almas de tantos indivíduos jovens e valorosos” (FREUD, PFISTER, 1980, p.11). Interessava-lhe vivamente a possibilidade de estender o uso da psicanálise a circunstâncias normais, não-patológicas.

A atuação de Pfister nos campos da teologia e pedagogia entreabria o acesso a esta nova utilização. Como educador, seu trabalho ganhou logo espaço no mundo psicanalítico. Encantado com a teoria freudiana em 1908, ele emprega as concepções psicanalíticas ao domínio educacional, criando, segundo seus termos, uma “psicanálise pedagógica (*Pädanalyse*)” (FREUD, PFISTER, 1980, p.80). Mas suas preocupações teológicas não são menores. Como indica na carta a Freud do dia 10/09/1926, a teologia se perdia numa vã disputa por princípios (FREUD, PFISTER, 1980, p.110), ao invés de cuidar prioritariamente do bem-estar psíquico e humano. Para não incorrer numa lacuna desta espécie, Pfister se voltou para a teologia encontrando em seguida a pedagogia, buscando uma renovação possível das duas áreas. Percebeu a contribuição que o discurso freudiano poderia trazer a este respeito. O passo não amorteceu, no entanto, suas discordâncias com as fortes críticas lançadas por Freud contra a religião em *Futuro de uma Ilusão* (FREUD, 1991i, p. 323-380), quando este indica a predominância de ilusões psicológicas na gênese das representações religiosas, que visariam corrigir os defeitos da civilização e defender o ser humano contra a força esmagadoramente superior da natureza. Pfister defende, ao contrário, um evangelismo livre num manuscrito-resposta intitulado *Ilusão de um Futuro*

³ “In dem von allem religiösen Leben abgewendeten Haushalt Freuds war Pfister, im geistlichen Habit und mit der Miene und dem Gehaben eines Pfarrers, eine Erscheinung aus einer fremden Welt. An seinem Wesen war nichts von der fast leidenschaftlich-ungeduldigen Einstellung auf die Wissenschaft, mit der andere Pioniere der Analyse die am Familientisch verbrachte Zeit nur als unwillkommene Unterbrechung ihrer theoretischen und klinischen Erörterung betrachteten. Im Gegenteil, seine menschliche Wärme und Begeisterung, seine Fähigkeit zur lebendigen Anteilnahme auch an kleinen täglichen Vorgängen begeisterte die Kinder des Hauses und machte ihn zu einem jederzeit gern gesehenen Gast, einer in seiner Art einzigen menschlichen Figur. Für sie war er, nach einem Scherzwort Freuds, nicht ein 'heiliger Mann', sondern eine Art 'Rattenfänger von Hameln', der nur auf seinem Instrument zu spielen brauchte, um eine ganze Schar in williger Gefolgschaft hinter sich zu haben.

Für Pfarrer Pfister war es dieses Überströmen der Gefühle von der Psychoanalyse selbst auf ihren Schöpfer, und von ihm auf seine Nachkommen, das ihn veranlaßte, nach dem Tode Freuds den Briefwechsel mir, als “der Tochter seines großen Wohltäters” zu hinterlassen, mit der Erlaubnis, sich “des passenden Stoffs zu bedienen” und dem einzigen Vorbehalt, daß nichts, “was Lebende verletzen könnte”, an die Öffentlichkeit gelangen sollte”.

(PFISTER, 1993, p.557-579). Resumindo o confronto de posições dos dois textos, diz ao amigo na carta de 20/02/1928:

A diferença baseia-se principalmente no fato de que o senhor cresceu próximo das formas religiosas patológicas, sendo estas vistas como 'a religião'; eu tenho a sorte de me permitir voltar para uma forma religiosa livre, a qual parece para o senhor um esvaziamento do cristianismo, enquanto eu a vejo como o central e substancial do evangelismo (FREUD, PFISTER, 1980, p.131).

Mas essas divergências não criaram obstáculos para que se delineasse entre os dois uma instigante reflexão voltada para o homem, abrigando ainda uma colocação lado a lado das preocupações psicanalíticas com a atividade do educador. A infância, nesta correspondência entre as áreas, mesmo lembrada nas cartas, só merece maiores considerações a partir da análise e cura do pequeno Hans (Outubro/1907 a Outubro/1908), no momento em que Freud (1993, p.377) manifesta-se claramente a favor da educação infantil, considerando-a decisiva para deter ou desencadear neuroses.

Esta influência deveria estar acompanhada de uma nova perspectiva com relação aos meios educacionais, deixando-se de lado a dominação ou repressão das pulsões infantis como paradigma para a atuação do educador. Usual na época, esta postura não apresentava para Freud resultados satisfatórios. Caminhando numa outra direção, ele indica que a socialização do indivíduo deveria ocorrer segundo perdas mínimas da capacidade de agir ou se comportar. Conforme acredita Freud, caso se acrescentasse a este direcionamento esclarecimentos trazidos pela psicanálise sobre a proveniência das patologias psíquicas e as estruturas das diversas neuroses, o pedagogo encontraria valiosos recursos para rever seus procedimentos com relação às crianças.

Este trabalho de revisão abrangeria o cuidado em não impor fins pessoais às tendências liberadas do comportamento infantil, segundo consta em *Recomendações ao médico no tratamento psicanalítico*, de 1912. Freud (1996a, p.385) avista proximidades entre o que o psicanalista e o educador fazem, realçando que a ação educacional deva ocorrer em correspondência direta com a capacidade própria do educando. Desaprova plasmar-se a vida de quem se educa com fins que o mesmo não possa comportar.

O acesso do educador ao universo infantil é retematizado por Freud no texto *Interesse da Psicanálise ("O interesse pedagógico")*, de 1913 (FREUD, 1996b, p. 419-420). Recolocando certas análises e evidências clínicas, a este respeito, ele reenfatiza a incompreensão e as falhas de entendimento que encontrou por parte dos adultos sobre o desenvolvimento psicológico das crianças, indicando que estes equívocos poderiam ser retificados pela intervenção de uma psicanálise pedagógica, caso os educadores se reconciliassem com determinadas fases do desenvolvimento anímico, assimilando a importância na infância dos impulsos perversos e

associais. Para alcançar este fim, no entanto, um novo olhar sobre a normalidade comportamental tornava-se necessário.

Com a ajuda do trabalho clínico, este passo se concretizou. Freud descobria que o adoecimento psicológico estava ligado diretamente ao mau uso dos meios educacionais, resultando em perdas do rendimento e gozo psíquicos. Esta má utilização poderia ser corrigida, relevando-se o grau de contribuição de facetas perversas e associais na formação do caráter infantil através do processo de sublimação, no qual são desviados os fins primordiais das pulsões para propósitos novos e valiosos. O educador deveria entender, assim, que as melhores virtudes teriam aparecido no curso do desenvolvimento psíquico sob a forma de reações e sublimações, tecidas na rede das mais negativas disposições. Este entendimento, contudo, pelo contato direto que o educador psicanalítico mantém com a infância e juventude, segundo o que indica Freud um ano depois no prefácio a Pfister (FREUD, 1991a, p.450), imporá a identificação de quem educa com as circunstâncias psíquicas infantis e juvenis. A responsabilidade que decorre desta imposição, conforme ainda se indica neste prefácio (FREUD, 1991a, p.450), seria maior do que aquela exigida ao analista em atividade.

Em linhas gerais, a viabilidade de mudanças no comportamento educacional estava em jogo entre 1909 e 1913. Em última instância, conforme Freud concluía de seu trabalho clínico, o estabelecimento de transformações psíquicas admitia como condição o entrecruzamento de impulsos, energias, com disposições comportamentais. Desta precedência, a educação não poderia soterrar variáveis energéticas na base das disposições, desencadeando processos pelos quais estas energias seriam canalizadas por bons caminhos. Cumprindo tal tarefa, a ação educacional se transformaria num poderoso meio profilático contra o desenvolvimento individual das neuroses. E é inspirado pela concretização deste fim, que o discurso freudiano torna-se promissor entre 1909-1913 para articular a colocação lado a lado das pretensões pedagógicas com os princípios psicanalíticos.

1909

1. FREUD, Sigmund. Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. In: ---. *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1993. Siebte Auflage. Band VII, Seite 376-377.

“Daß man zwischen “nervösen” und “normalen” Kindern und Erwachsenen keine scharfe Grenze ziehen darf, daß “Krankheit” ein rein praktischer Summationsbegriff ist, daß Disposition und Erleben zusammentreffen müssen, um die Schwelle für die Erreichung dieser Summation überschreiten zu lassen, daß infolgedessen fortwährend viele Individuen aus der Klasse der Gesunden in die der nervös Kranken übertreten und eine weit geringere Anzahl den Weg auch in umgekehrter Richtung macht, das sind Dinge, die so oft gesagt worden sind und soviel Anklang gefunden haben, daß ich mit ihrer Behauptung gewiß nicht allein stehe. Daß die Erziehung des Kindes einen mächtigen Einfluß geltend machen kann, zugunsten oder ungunsten der bei dieser Summation in Betracht kommenden Krankheitsdisposition, ist zum mindesten sehr wahrscheinlich, aber was die Erziehung anzustreben und wo sie einzugreifen hat, das erscheint noch durchaus fragwürdig. Sie hat sich bisher immer nur die Beherrschung, oft richtiger Unterdrückung der Triebe zur Aufgabe gestellt; der Erfolg war kein befriedigender und dort, wo es gelang, geschah es zum Vorteil einer kleinen Anzahl bevorzugter Menschen, von denen Triebunterdrückung nicht gefordert wird. Man fragte auch nicht danach, auf welchem Wege und mit welchen Opfern die Unterdrückung der unbequemen Triebe erreicht wurde.

1. FREUD, Sigmund. Análise da fobia de um menino de cinco anos. In: ---. *Obras Completas*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1993. Sétima edição. Volume VII, páginas 376-377.

“Considerando que: – entre crianças “nervosas” e “normais” não é possível se traçar uma fronteira definida; – a “enfermidade” é um conceito complexo puramente prático; – precisam coincidir a disposição e a vivência para poder se ultrapassar o limite que leva a este conceito complexo; – como consequência, passam constantemente muitos indivíduos da classe dos saudáveis à classe dos doentes nervosos e um número muito menor realiza este caminho numa direção contrária: todas estas coisas foram afirmadas tantas vezes e encontraram tanto eco, que não sou eu seguramente o único a afirmá-las. É, no mínimo, muito provável que a educação da criança possa exercer uma poderosa influência positiva ou negativa que se adiciona à disposição para a doença. Mas aquilo que a educação deve aspirar e intervir é uma questão ainda mais problemática. Até agora ela só se colocou como tarefa a dominação e, com freqüência, a correta repressão das pulsões. O resultado não foi nada satisfatório e, quando dava certo, tornava-se vantajoso a um número pequeno de homens privilegiados, para os quais não era exigida a repressão das pulsões. Não se perguntava tampouco por qual caminho e com quais sacrifícios alcançar-se-ia a repressão das incômodas pulsões. Caso se substitua a esta tarefa uma outra, [ou

Substituiert man dieser Aufgabe eine andere, das Individuum mit der geringsten Einbuße an seiner Aktivität kulturfähig und sozial verwertbar zu machen, so haben die durch die Psychoanalyse gewonnenen Aufklärungen über die Herkunft der pathogenen Komplexe und über den Kern einer jeden Neurose eigentlich den Anspruch, vom Erzieher als unschätzbare Winke für sein Benehmen gegen das Kind gewürdigt zu werden. Welche praktischen Schlüsse sich hieraus ergeben, und inwieweit die Erfahrung die Anwendung derselben innerhalb unserer sozialen Verhältnisse rechtfertigen kann, dies überlasse ich anderen zur Erprobung und Entscheidung.

Ich kann von der Phobie unseres kleinen Patienten nicht Abschied nehmen, ohne die Vermutung auszusprechen, welche mir deren zur Heilung führende Analyse besonders wertvoll macht. Ich habe aus dieser Analyse, streng genommen, nichts Neues erfahren, nichts, was ich nicht schon, oft in weniger deutlicher und mehr vermittelter Weise, bei anderen im reifen Alter behandelten Patienten hatte erraten können. Und da die Neurosen dieser anderen Kranken jedesmal auf die nämlichen infantilen Komplexe zurückzuführen waren, die sich hinter der Phobie Hansens aufdecken ließen, bin ich versucht, für diese Kinderneurose eine typische und vorbildliche Bedeutung in Anspruch zu nehmen, als ob die Mannigfaltigkeit der neurotischen Verdrängungserscheinungen und die Reichhaltigkeit des pathogenen Materials einer Ableitung von sehr wenigen Prozessen an den nämlichen Vorstellungskomplexen nicht im Wege ständen”.

seja], tornar um indivíduo aculturado e socialmente utilizável sob uma perda mínima de sua atividade, os esclarecimentos obtidos por meio da psicanálise, em torno da origem dos complexos patogênicos e sobre o âmago de cada neurose, irão reivindicar o reconhecimento de fato pelo educador, como sinais inestimáveis para sua conduta com respeito à criança. Quais as conclusões práticas que deste ponto se derivam e até que ponto a experiência pode justificar a utilização das mesmas, no quadro de nossas circunstâncias sociais, são questões cujo exame e decisão devo deixar a outros.

Não posso despedir-me da fobia de nosso pequeno paciente sem falar do que supus estar contido na análise que o conduziu à sua cura. Em rigor, esta análise não me revelou nada novo que não houvesse já adivinhado nas análises de pacientes adultos, às vezes de modo menos claro e oculto. E como as neuroses destes outros enfermos pudessem estar referidas sem nenhuma exceção aos mesmos complexos infantis que descobrimos atrás da fobia de Hans, fui tentado a acrescentar a esta neurose infantil uma significação típica e exemplar. É como se ali não houvesse obstáculos para que a diversidade dos fenômenos neuróticos recalcados e a riqueza do material patógeno derivassem de um número muito escasso de processos, os quais foram desenvolvidos nos mesmos complexos de representações”.

2. FREUD, Sigmund. Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung. In: —. *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1996. Neunte Auflage. Band VIII, Seite 385.

“Eine andere Versuchung ergibt sich aus der erzieherischen Tätigkeit, die dem Arzte bei der psychoanalytischen Behandlung ohne besonderen Vorsatz zufällt. Bei der Lösung von Entwicklungshemmungen macht es sich von selbst, daß der Arzt in die Lage kommt, den freigewordenen Strebungen neue Ziele anzuweisen. Es ist dann nur ein begreiflicher Ehrgeiz, wenn er sich bemüht, die Person, auf deren Befreiung von der Neurose er soviel Mühe aufgewendet hat, auch zu etwas besonders Vortrefflichem zu machen, und ihren Wünschen hohe Ziele vorschreibt. Aber auch hiebei sollte der Arzt sich in der Gewalt haben und weniger die eigenen Wünsche als die Eignung des Analysierten zur Richtschnur nehmen. Nicht alle Neurotiker bringen viel Talent zur Sublimierung mit; von vielen unter ihnen kann man annehmen, daß sie überhaupt nicht erkrankt wären, wenn sie die Kunst, ihre Triebe zu sublimieren, besessen hätten. Drängt man sie übermäßig zur Sublimierung und schneidet ihnen die nächsten und bequemsten Triebbefriedigungen ab, so macht man ihnen das Leben meist noch schwieriger, als sie es ohnedies empfinden. Als Arzt muß man vor allem tolerant sein gegen die Schwäche des Kranken, muß sich bescheiden, auch einem nicht Vollwertigen ein Stück Leistungs- und Genußfähigkeit wiedergewonnen zu haben. Der erzieherische Ehrgeiz ist so wenig zweckmäßig wie der therapeutische. Es kommt außerdem in Betracht, daß viele Personen gerade an

2. FREUD, Sigmund. Recomendações ao médico no tratamento psicanalítico. In: —. *Obras Completas*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1996. Nona edição. Volume VIII, página 385.

“(…) [Uma] tentação que recai sobre o médico no tratamento psicanalítico é exercer, sem intenção especial, uma atividade educadora. Para solucionar inibições da evolução psíquica, se coloca espontaneamente ao médico o trabalho de assinalar novos fins às tendências psíquicas libertadas. Há apenas uma compreensível ambição, quando [o médico] não mede esforços para tornar algo excelente daquela pessoa à que tanto trabalho lhe custou libertar da neurose, fixando altos fins a seus desejos. Mas, também, a este ponto, deve o médico dominar menos seus próprios desejos, do que tomar como diretriz a aptidão do analisando. Nem todos os neuróticos possuem muito talento para sublimar. Para muitos deles deveríamos supor que não teriam a enfermidade, se possuíssem a arte de sublimar suas pulsões. Caso se imponha excessivamente a sublimação, privando-os das satisfações mais fáceis e próximas de suas pulsões, suas vidas tornam-se ainda mais difíceis do que as sentem. Como médicos, devemos ser tolerantes com a fraqueza do enfermo e nos contentar em haver devolvido a uma pessoa não-completa uma parte de seu potencial e gozo. A ambição educacional é tão pouco adequada quanto a terapêutica. Mas considera-se, além disto, que muitas pessoas adoeceram justamente ao tentar sublimar suas pulsões além do que sua organização permitia, enquanto que a-

dem Versuche erkrankt sind, ihre Triebe über das von ihrer Organisation gestattete Maß hinaus zu sublimieren, und daß sich bei den zur Sublimierung Befähigten dieser Prozeß von selbst zu vollziehen pflegt, sobald ihre Hemmungen durch die Analyse überwunden sind. Ich meine also, das Bestreben, die analytische Behandlung regelmäßig zur Triebsublimierung zu verwenden, ist zwar immer lobenswert, aber keineswegs in allen Fällen empfehlenswert”.

quelas outras capacitadas para a sublimação a realizam por si mesmas, logo que suas inibições sejam superadas pela análise. Acho, pois, que o empenho a utilizar regularmente o tratamento analítico para a sublimação das pulsões poderá sempre valer a pena, mas nunca é recomendável em todos os casos”.